

## O 'PRETOGUÊS' E A LITERATURA DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Tania MACÊDO<sup>1</sup>

- RESUMO: O texto examina a elaboração artística do 'pretoguês' – forma pejorativa com que os colonizadores portugueses denominavam a linguagem híbrida português/quimbundo utilizada pela população angolana – na obra do escritor angolano José Luandino Vieira.
- UNTERMOS: Bilingüismo; lingüística e literatura.

O jogo de forças e tensões presente na situação colonial é marcado por dois pólos antagônicos: colonizador e colonizado. O primeiro, como conquistador, impõe a uma maioria numérica seus valores, línguas, técnicas e estruturas socioeconômicas sob a lógica da unidade: uma só lei, uma só língua (obviamente a sua). O colonizado, em consequência, passa a constituir uma minoria sociologicamente dada, a qual será submetida e, constantemente, espoliada de seus valores em nome da 'civilização' do outro.

A essa luz, não se pode esquecer que do quadro de contradições engendrado pelo colonialismo avulta o "drama do bilingüismo": o colonizado deve assumir a língua de seu conquistador e, paulatinamente, distanciar-se de sua própria forma de expressão, conforme muito bem salientou Albert Memmi: "A língua materna do colonizado, aquela que é nutrida por suas sensações, suas paixões e seus sonhos (...), enfim, aquela que contém a maior carga afetiva, essa é precisamente a *menos valorizada* (...). Se quer obter uma colocação, conquistar seu lugar, existir na cidade e no mundo, deve, primeiramente, aplicar-se à língua dos outros, a dos colonizadores, seus senhores". (1977, p. 97)

Lembre-se, todavia, que os danos causados pelo colonialismo não se restringem apenas a esse fato: se por um lado temos uma língua imposta a uma população, por outro, a escolarização dada na língua de maior prestígio é reduzida. Estamos frente, portanto, a mais uma das contradições do sistema, pois fazer do colonizado um indivíduo que dominasse totalmente o sistema lingüístico do colonizador seria incluí-lo nos seus mecanismos de poder e, destarte, selar a sorte do próprio sistema.

---

1. Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800 – Assis.

Temos, dessa maneira, uma população condenada a renunciar a seu código valorativo, ao mesmo tempo em que lhe é vedado o inteiro domínio de outro código. Em resumo, se o bilíngüe colonial conhece duas línguas, nenhuma domina totalmente.

A literatura efetuada sob tal situação contraditória, desde que não seja uma literatura do colonizador, será, necessariamente, a veiculação da carência da população marginalizada na luta por sua forma própria de expressão e deverá forjar-se sob o signo da dualidade.

No caso da literatura angolana, por exemplo, os cinco séculos de dominação colonial portuguesa constituíram forte entrave à sua sistematização, pois apenas na década de 50 de nosso século toma corpo um sistema literário coerente no país, integrando a tríade autor-obra-público. Sistema esse que se traduz em autores conscientes de seu papel, nas obras veiculadoras de conteúdos eminentemente nacionais sob aspectos codificados de linguagem e estilos e no conjunto de receptores, ainda que pequeno, formado por angolanos alfabetizados e preocupados com sua especificidade cultural. Conforme bem assinala Carlos Ervedosa, "enquanto [os escritores] estudam o mundo que os rodeia, o mundo angolano de que eles faziam parte mas que tão mal lhes haviam ensinado, começa a germinar uma literatura que seria a expressão da sua maneira de sentir, o veículo de suas aspirações, uma literatura de combate pelo seu povo". (1979, p. 102)

Ora, a literatura oriunda de tal tomada de consciência de seus produtores não estava dissociada da certeza de que o sistema colonial deveria ter termo. Dessa forma, autores como Agostinho Neto, Costa Andrade, Luandino Vieira ou Jofre Rocha têm seus nomes ligados tanto às melhores produções literárias angolanas quanto a um combate direto pela independência de seu país.

## **Português e quimbundo construindo a angolanidade**

Dentre os escritores da moderna literatura angolana, José Luandino Vieira é, sem dúvida, um dos ficcionistas mais significativos. Seus textos revelam, nos níveis temático e estilístico, as contradições do sistema colonial, apresentando uma linguagem que acaba por tomar o partido dos que, à força de conhecerem duas línguas, a nenhuma dominam totalmente. É assim que suas estórias tematizam os musseques de Landa – bairros pobres equivalentes às nossas favelas – e sua população bilíngüe português/quimbundo, majoritariamente negra.<sup>2</sup> Dessa forma, Luandino ousa levar para as páginas da literatura – em plena vigência do regime colonial português em

---

2. Os quimbundos são um dos onze grupos etnolingüísticos de Angola e formam a segunda maior população dentre esses grupos. (Segundo o recenseamento de 1960, os quimbundos formavam uma população de 1.083.231 indivíduos.)

Angola –<sup>3</sup> ‘o pretoguês’, ou seja, a forma híbrida de expressão dos bilíngües coloniais, a qual constituía motivo de freqüente menosprezo destes e, portanto, uma das fontes alimentadoras do racismo do colonizador em relação ao colonizado. Sob esse aspecto, a escolha do material lingüístico efetuada pelo autor redundava em uma reivindicação de prestígio para a fala híbrida do homem do povo, dando-lhe *status* literário.

Vale notar que a escrita de Luandino Vieira, apesar da forte vinculação ao falar dos musseques luandenses, vai além, pois seus textos não se constituem apenas em registros literais da forma de expressão de uma parte da população angolana. Ao criar neologismos e subverter a estrutura da língua portuguesa através do uso do quimbundo e do ‘pretoguês’, ele detém o mérito dos grandes empreendimentos da literatura de nosso tempo: obriga a avançar devagar. Ou seja, a ficção luandina força o leitor a rever seus conceitos de literatura, arte e linguagem, em um esforço de dupla orientação: tomar distância dessa ficção, vinculando-a a valores universais, ao mesmo tempo em que busca a sua localização em uma geografia literária. Assim, sem se aperceber, o decodificador das estórias do autor angolano vai sendo mobilizado a repensar seus códigos estéticos, suas estruturas lingüísticas, em um esforço de entendimento do universo narrativo apresentado.

Destarte, verifica-se que o trabalho artístico efetuado a partir do ‘pretoguês’ nos textos de Luandino Vieira vincula-se à recusa e à denúncia da situação colonial, afirmando uma ‘angolanidade’ ao mesmo tempo em que se inscreve na corrente da modernidade, convergindo pois para a realização literária plena de nosso tempo.

Façamos referência a alguns aspectos lingüísticos da ficção do autor, a fim de explicitarmos como se constroem a modernidade e a recusa ao colonialismo nos seus textos.

O substantivo quimbundo *muxima* (coração) pode nos servir como excelente início, já que em várias oportunidades o mesmo apresenta-se como base para a formação de neologismos, recebendo desinências da língua portuguesa que irão se desdobrar em outros matizes de significação:

(...) lhe traziam sussuradas palavras dela na hora que as mãos dele *muximavam* ou se rebelavam nas fronteiras, queriam mais demarcar na leia mata de se corpo, descobrir e abrir picadas. (Vieira, 1974, p. 32)

(Traziam-lhe suas palavras sussurradas no momento em que as mãos dele a *acariciavam* ou se rebelavam nas fronteiras, no momento em que elas desejavam demarcar a estranha mata de seu corpo, descobrir e abrir picadas.)

(...) não consegui de fugir no quinzar, lhe falou até, lhe *muximou* perdão. (p. 71)

(Não consegui fugir do monstro antropófago, chegou a falar-lhe, *pediu* perdão.)

---

3. José Luandino Vieira passou onze anos nas cadeias do colonialismo português. Em 1965, seu livro *Luuanda* foi agraciado com o Grande Prêmio de Novelistica da Sociedade Portuguesa de Escritores, o que provocou o encerramento daquela Sociedade, bem como o assalto e depredação de sua sede pela PIDE.

(...) mas o *Mangololo* afirmava, cada vez mais *muximador*, que o bilhete recebera-lhe do Joaquim Ferreira. (Vieira, 1978, p. 60)

(Mas Mangololo afirmava, cada vez mais *adulador*, que recebera o bilhete de Joaquim Ferreira.)

Verifica-se que o vocábulo quimbundo flexionado em português acaba por ter potencializado o seu significado, processo esse que equivale à dinâmica de significação da palavra que toda língua viva possui. Dessa maneira, a equiparação quimbundo/português elabora-se de forma a enriquecer ambas as línguas.

Na mesma senda de exploração de potencialidades das duas línguas, o trabalho artístico de Luandino Vieira também irá criar neologismos a partir de palavras da língua portuguesa que receberam desinência da língua nacional africaná. Dos numerosos exemplos presentes na ficção do autor, podemos citar a utilização do sufixo *-ioso*, que em quimbundo significa “todo, tudo”:

Recebeu, dizem, então, por morte de um dono, os calundus dum muene, o Kanguxi Kangombe, a umbanda toda do outro, donde que ficou conhecedor dos mil segredos de raízes e pós, folhas e troncos, paus, pássaros, corno e unha de bicho e *tudioso*. (Vieira, 1974, p. 226)

(Recebeu, dizem, então, por morte de um dono, os espíritos dum feiticeiro, o Kanguxi Kangombe, a feitiçaria toda do outro, donde que ficou conhecedor dos mil segredos de raízes e pós, folhas e troncos, paus, pássaros, corno e unha de bicho e tudo o mais.)

Enorme árvore verde do sonho, a belezice dela no meio da avenida, só contra o *mundioioso*. (p. 47)

Salvianos e os videiras e os simões-raposas esses é que falavam ainda putos-latinos, *tudioso*, os delegados não torravam farinha. (Vieira, 1979, p. 34)

Com relação às modificações no nível sintático, examinaremos um aspecto da estrutura gramatical de suas estórias que consideramos exemplar quanto à forma como se opera o trabalho artístico do autor: referimo-nos à voz passiva. A maneira como ela ocorre nas estórias chega a criar algumas vezes, ao decodificador que domine a língua portuguesa, uma certa ambigüidade, por se tratar de uma estrutura de frase que foge aos parâmetros do português:

O caputozinho do balcão veio ainda espiar mas lhe correram no berro do verdiano. (Vieira, 1974, p. 185)

Me contou tudo, minhas amigas! Parece é ainda verdade dela! Que lhe comeram num branco, vejam só! (p. 202)

Os trechos acima demonstram a subversão que o português sofre ao ter sua estrutura vinculada às estruturas gramaticais do quimbundo, de tal modo que é possível uma ‘tradução’ para o português-padrão:

O caputozinho do balcão ainda veio espiar, mas foi corrido (afastado) pelo berro do caboverdiano.

Contou-me tudo, minhas amigas! Parece-me que é verdade! Ela foi comida (seduzida) por um branco, vejam só!

Como se nota, a utilização da voz passiva nos textos luandinos instaura uma fronteira dúbia entre os dois códigos, o que nos leva a enfatizar dois aspectos relativos a essa questão. O primeiro deles refere-se ao fato de que a mudança da estrutura da frase portuguesa tem como ponto de apoio o fato de que “em quimbundo [pode] dizer-se que não há verbos passivos (...). A forma perifrástica passiva forma-se com um sujeito indefinido a mais o complemento infixado e o radical do verbo seguido da preposição regendo o agente da passiva” (Baião, 1946, p. 55). Ou seja, as mudanças ocorridas no enunciado em português são elaboradas a partir da transposição da estrutura da língua africana. O segundo aspecto prende-se ao caráter ideológico subjacente à subversão linguística: segundo entendemos, a dissolução parcial da sintaxe do português nos textos de Luandino Vieira instauraria, emblematicamente, a afronta ao sistema de valores veiculado por essa língua, marcando ousadamente a diferença criadora frente às imposições do colonialismo.

Haveria ainda outros fatos gramaticais presentes na escrita de Luandino Vieira que poderíamos vincular às estruturas do quimbundo, como a inexistência de preposições essenciais ou a utilização do advérbio ‘muito’ no final dos enunciados (“O amigo desculpe, não nos critique só muito...”) (Vieira, 1981, p. 104). Cremos porém que os fatos apontados nos permitem caracterizar uma forma de trabalho artístico de Luandino Vieira. O autor, ao utilizar o léxico e a estrutura de umas das línguas nacionais de Angola, desestabiliza o português em sua função de prestígio e equipara dois códigos que o colonialismo considerava excludentes. Com isso, a própria escrita coloca-se, lucidamente, como questionamento ao sistema colonial.

MACÊDO, T. The ‘pretoguês’ and José Luandino Vieira’s literature. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. 171-176, 1992.

- **ABSTRACT:** *This text explains how the writer José Luandino Vieira explores the ‘pretoguês’ – the language of the negro population of Angola – for a literary effect.*
- **KEYWORDS:** *Bilingualism; linguistics and literature.*

## Referências bibliográficas

BAIÃO, D. V. *O kimbundo sem mestre*. Porto: Imprensa Moderna, 1946.

ERVEDOSA, C. *Roteiro da literatura angolana*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1979.

- MEMMI, A. *Retrato do colonizador precedido pelo retrato do colonizado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VIEIRA, J. L. *João Vêncio: os seus amores*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Lourentinho, Dona Antonia de Sousa Neto e eu*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Macandumba*, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Velhas estórias*. Lisboa: Plátano, 1974.